

Texto 1 (escrito)

CEDI - P. I. B.
DATA 31 / 12 / 86
COD YAD 115

? Último grande povo oriundo da floresta amazônica, os índios yanomami conseguiram um milagre, sobreviveram à destruição impiedosa praticada pelos brancos ao longo de mais de quatro séculos.

Eles são hoje quase vinte mil. Vivem na faixa montanhosa que marca a fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Naturais do universo mágico da selva, eles ainda resguardam quase intacta a sua cultura original.

(CUBOS E BOMBS DE SI)
Donos de sua própria liberdade, eles construíram uma sociedade igualitária que nos últimos anos, porém, está perigosamente ameaçada. Os agentes do progresso, que se empenham na devastação da Amazônia, descobriram afinal que o tão perseguido Eldorado não era sonho nem lenda. Descobriram que o Eldorado amazônico está enterrado no coração da terra yanomami, que a lenda tem o corpo feito de ouro e de minerais radioativos.)

A partir de 1974, projetos econômicos fecham o cerco sobre a vida livre desse povo. Já em 1981 ali se implantou um grande garimpo. E um recente decreto que abre a grupos econômicos o acesso às áreas indígenas para a mineração, abre, também, o caminho para um crime contra a humanidade. Com a penetração indiscriminada dos brancos, é a própria vida dessa nação indígena que corre o risco de perecer. Este filme quer servir à causa da esperança dos yanomami, povo que tem o direito de viver como quer, sem ser forçado a se transformar em branco. De consciência ferida pela ameaça, eles resistirão. ~~7~~ ⁶
nossa responsabilidade garantir essa resistência.

Só a criação do Parque poderá salvá-los.

Texto 2 (mito)

Uma vez, no tempo dos nossos ancestrais, uma jovem ficou menstruada pela primeira vez e foi para a reclusão. Mas o seu marido quebrou o tabu e entrou no lugar onde ela estava. Então, as águas do mundo subterrâneo cresceram muito e arrasaram a maloca. As ariranhas e os jacarés-açu comeram os seus moradores.

As águas ficaram cobertas de uma espuma ensanguentada, que foi recolhida, numa folha, pela Abelha Ancestral.

A abelha ensinou a cada pedacinho de espuma a sua fala e depois os depositou na praia, onde eles se transformaram nos primeiros brancos. Os brancos se multiplicaram e ganharam, da Abelha, panelas, machados, radios e fuzis.

Os yanomami, que viviam nos confins da terra, ficaram só com os rios e a floresta. Antes de ir embora, a abelha pediu aos brancos que vivessem em paz e ajudassem os índios, porque os índios eram seus irmãos de origem.

Assim falou a Abelha Ancestral.

Sugestão - 4ª leitura

Texto 3 (discurso noturno)

A morada de uma aldeia yanomami é um espaço para a convivência solidária.

Cada comunidade tem seu líder, ou mais de um, cuja autoridade se funda na experiência e na sabedoria e depende, sobretudo, de sua força de persuasão.

É falando, dentro da sombra e do silêncio da noite, enquanto a comunidade o escuta estendida na rede, que o líder influencia a vida da aldeia. Na construção de uma maloca. No preparo de uma festa.

Na organização da caça.

Falando na madrugada.

Sugestão: 2.ª ou 3.ª ou 4.ª

Os yanomami, por ocasião das grandes festas, saem para a caçada coletiva. Eles acampam em abrigos erguidos na floresta, longe dos territórios de caça cotidiana. Podendo durar dias seguidos, o resultado da caçada se acumula em centenas de quilos de carne defumada, depois repartidos entre os convidados do cerimonial, reunindo membros de várias comunidades irmãs. Quando o sol se levanta, os homens já partiram. Entre a vegetação sombria, debaixo dos pequenos abrigos triangulares recobertos de folhas de bananeira, as mulheres brincam, conversam de coração contente, cuidam dos afazeres domésticos, e vão e vêm pela floresta recolhendo batráquios, frutas, cipós e folhas ornamentais.

A floresta representa, para os brancos, a hostilidade silenciosa, o entrelaçamento venenoso. Já, os índios, souberam lhe dar a intensidade secreta de um ritmo humano. Percorrendo, habitando, explorando, varando a floresta em todos os sentidos, eles se fizeram donos de sua própria intimidade, com uma obstinada e minuciosa ciência do mimetismo. Os abrigos que fazem na floresta, mais que construídos, parecem traçados na proliferação vegetal, da qual parece nascer a elegância, a precisão de seus movimentos e a graça de seus corpos.

A verdade é que a floresta é um mundo livre, sem outros limites além dos sobrenaturais, e onde os valores e o modo de vida yanomami constituem o centro incontestado do universo humano.

Durante a expedição de caça, desde cada amanhecer, através da espessura fria da vegetação, pequenos grupos de caçadores abandonam furtivamente os seus abrigos e se põem a caminho pela floresta ainda escura.

Todos os sentidos aguçados, até os primeiros sinais do anoitecer, eles decifram, com meticulosidade infatigável, os indícios da passagem da caça: o rastro de uma anta, o cheiro de urina do macaco, os grunhidos de um porco selvagem.

Chegada a noite, de novo eles se reúnem no acampamento, onde estendem os animais caçados sobre grandes jiraus triangulares, para a defumação da carne. Fatigados mas contentes, os índios descansam nas suas redes, provando bananas verdes cozidas na brasa, relembando, faceiros, episódios e proezas da jornada de caça.

Texto 5 (cerimonial)

A cerimônia funerária chamada reahu dura em geral uma semana e reúne várias comunidades numa única aldeia. Toda a vida espiritual e social do povo yanomami se condensa nas sequências do cerimonial, espaço vital para a troca de informações e de bens, desafios ritualizados e a renovação de alianças.

Durante esses dias de festa é utilizada a yakoana, a substância alucinógena que os pagés inalam para alcançar o estado visionário e o poder de penetrar no universo sobrenatural. Isto lhes permite a luta incessante pela proteção da comunidade contra as forças obscuras que provocam doenças e infortúnios.

No último dia do ritual, todos os homens da aldeia também aspiram a yakoana para entrar em contacto com os espíritos. Eles se prostam apavorados por terríveis visões; o chão gira velozmente, a aldeia desaparece no centro de uma ^{laranja} ~~claridade~~ alucinante, o céu desce como se fosse esmagar o peito, enlaçados por serpentes com olhos rubros de fogo.

Supertão : 2 ou 4

Texto de abertura

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD YAD

1

Último grande povo oriundo da floresta amazônica, os índios Yanomami conseguiram um milagre, sobreviveram à destruição impiedosa praticada pelos brancos ao longo de mais de quatro séculos.

Eles são hoje quase vinte mil. Vivem na faixa montanhosa que marca a fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Filhos do universo mágico da selva, eles ainda resguardam quase intacta a sua clutura original e a ~~força~~ radiosa força de seus corpos. Poderosos de liberdade, eles construíram uma sociedade humana igualitária, que nos últimos anos porém, está perigosamente ameaçada.

Os agentes do progresso, que se empenham na devastação da Amazonia, descobriram afinal que o tão perseguido Eldorado não era sonho nem lenda. Descobriram que o Eldorado amazônico está enterrado no coração da terra Yanomami, que a lenda tem o corpo feito de ouro e de minerais radioativos.

A partir de 1974 projetos econômicos fecham o cerco sobre a vida livre desse povo. Já em 1981 ali se implantou um grande garimpo. E um recente decreto ~~presidencial~~, que abre a grupos econômicos o acesso às áreas indígenas para a mineração, abre também o caminho para um crime contra a humanidade. Com a penetração indiscriminada dos brancos, é a própria vida dessa nação indígena que corre o risco de perecer.

Este filme quer servir à causa da esperança e da resistência dos Yanomami, povo orgulhoso e valente, para o qual o desprezo é mais insuportável do que a morte. De consciência ferida pela ameaça, eles resistirão. Só a criação do Parque poderá salvá-los.

6

velocidade 15 pés por segundo

2. A lenda.

1 minuto.

Uma vez, no tempo dos nossos ancestrais, uma jovem ficou menstruada pela primeira vez e foi para a reclusão. Mas o seu marido quebrou o tabu e ~~entrou~~ entrou no lugar onde ela estava. Então as águas do mundo subterrâneo cresceram muito e arrasaram a maloca. As ariranhas e os jacarés-açu comeram os seus moradores.

As águas ficaram cobertas de uma espuma ensanguentada, que foi recolhida ~~em uma~~, numa folha, pela Abelha Ancestral.

A Abelha ensinou a cada pedacinho de espuma a sua fala e depois os depositou na praia,

onde eles se transformaram nos primeiros brancos, ~~os estrangeiros~~.

Os brancos se multiplicaram

e ganharam da Abelha panelas, machados, rádios e fuzis.

Os Yanomani, que viviam nos confins da terra, ficaram só com os rios e a floresta.

Antes de ir embora a Abelha pediu aos brancos que vivessem em paz e ajudassem os índios, que os índios eram seus irmãos de origem.

Mas os brancos nunca fizeram caso do que ela falou.

Eles são avaros, hostis, mentirosos e destruidores.

Para os Yanomani a violência branca não é uma agressão anônima.

É uma traição e um escândalo metafísico, por isso ela ^e ainda mais cruel.

O discurso noturno do tuxaua.

3

A morada de um aldeia Yanomami é um espaço para a convivência solidária. A arquitetura circular reforça o sentido da unidade social da comunidade, que pode ter de 30 até 300 índios, reunidos por um complexo de relação entre parentes.

Cada comunidade tem seu líder, ou mais de um, cuja autoridade se funda na experiência e na sabedoria e depende sobretudo de sua força de persuasão. Persuadir pelo poder da palavra, Por isso a oratória é uma arte cultivada pelos homens maduros. O líder nunca trata de se impor, muito menos pela força. Coagir pode significar a perda da liderança. ~~É falando - dentro da sombra e do~~ É falando - dentro da sombra e do silêncio da noite, enquanto a comunidade o escuta estendida na rede - que o líder influencia a vida da aldeia. Na construção de uma casa, no preparo de uma festa. Na organização da caça. Falando na madrugada.

8

ler em 1 m. 5 segundos

O ~~instinto~~ ~~solidário~~ da vida comunitária se acende entre os Yanomami durante os dias em que todos saem para a caçada coletiva. Chamam de henimu a esse alegre trabalho, durante o qual eles acampam em abrigos erguidos na floresta, longe dos territórios de caça cotidiana. Podendo durar dias seguidos, o resultado da caçada se acumula em contenas de quilos de carne defumada, depois repartidos entre os convidados do cerimonial, reunindo membros de várias comunidades irmãs.

Quando o sol se levanta, os homens já partiram. Entre a vegetação ~~sombria~~ ~~em~~ debaixo das pequenas ~~tendas~~ ~~triangulares~~ recobertas de folhas de bananeira ~~sombria~~, reina uma alegre solidariedade feminina. Elas brincam, conversam ^{de} coração contente, cuidam dos afazeres domésticos, e vão e vêm pela floresta recolhendo batáquios, frutas, cipós, folhas ornamentais...

~~Sombria~~ A floresta ^{representa} ~~é~~ para os brancos, a ~~hostilidade~~ ~~perda~~ silenciosa, o entrelaçamento venenoso. Já os índios souberam lhe dar a intensidade secreta de um ritmo humano. Percorrendo, habitando, explorando, varando a floresta em todos os sentidos, eles se fizeram donos de sua própria intimidade, com uma obstinada e minuciosa ciência do mimetismo. Os abrigos que fazem na floresta, mais que construídos, parecem trançados na proliferação vegetal, da qual parece nascer a elegância, a precisão de seus movimentos e a graça de seus corpos.

A verdade é que para eles a floresta é um mundo livre, sem outros limites além dos sobrenaturais, e onde os valores e o modo de vida Yanomami constituem o centro incontestado do universo humano.

Durante a expedição de caça, desde cada amanhecer, através da espessura fria da vegetação, pequenos grupos de caçadores abandonam furtivamente os seus abrigos e se põem a caminho pela floresta ainda escura. Todos os sentidos aguçados, até os primeiros sinais do anoitecer, eles decifram, com meticulosidade infatigável, os indícios da passagem da caça: ^{o rastro de uma anta} ~~o rastro de uma anta~~, o cheiro da urina do macaco, os grunhidos ~~de~~ de um porco selvagem...

Chegada a noite, de novo eles se reúnem no acampamento, onde ~~elas~~ estendem os animais caçados sobre grandes jiraus triangulares, para ^{a defumação da} ~~defumar~~ a carne. Fatigados e contentes, os índios se balançam docemente na suas redes, provando bananas verdes cozidas na brasa, lembrando, faceiros, episódios e proezas da jornada de caça.

Ceremonial e alucinação

5

O dom da reciprocidade e o prazer de trocar, presente em todos os momentos da vida comunitária, manifesta-se também durante os ritos cerimoniais (dos Yanomami). O principal deles é a festa do reahu, cerimônia funerária que dura em geral uma semana e que reúne várias comunidades numa única aldeia. Grande parte da vida espiritual e social deste povo se condensa nas sequências da cerimônia, espaço vital para troca de informação e de bens, desafios ritualizados e a formação de (novas) alianças.

10

ideia de troca e reciprocidade
{ ritualização

O dom da reciprocidade e o prazer de trocar, presente em todos os momentos da vida comunitária, manifest-se também durante os ritos cerimoniais dos Yanomami. O principal deles é a festa do reahu, cerimônia funerária que dura em geral um semana e que reúne várias comunidades numa única aldeia. ^{Tudo isto para além} Toda a vida espiritual deste povo se ^{social} condensa nas sequências da cerimônia, com muita comida, canticos e ^{expõe vital para a troca de informações e} ^{bens, rituais de defesa de família e grupo} danças, das quais os índios participam com os seus corpos pintados de motivos sinuosos vermelhos, negros e violetas.

É durante esses dias de festa que utiliza a Yakoana, a substância alucinógena dos Yanomami, extraída da resina ~~seca e pulverizada~~ de certa árvore. Os pagés a inalam (em várias ocasiões) para alcançar o estado visionário e o poder de penetrar o universo sobrenatural, que lhes permite a luta incessante para proteger sua comunidade das forças obscuras que provocam doenças e infortúnios.

No último dia, ^{de ritual funerário} ~~antes do enterro das cinzas funerárias~~, todos os homens da aldeia também aspiram a Yakoana para entrar em contato com os espíritos. Sem a força dos chamãs, já afeitos ao domínio do invisível, se prostram apavorados por terríveis visões: o chão gira velozmente, a aldeia desaparece no centro de uma claridão alucinante, o céu desce como se fosse esmagar o peito, enlaçado por serpentes com olhos rubros de fogo.

Depoimentos:

Mulher do pastor do Ajarani:

Quando é que a estrada chegou? Foi só em 74. Foi aí que eles deram de beber. Bebiam e ficavam só andando. Aí não pararam mais. Bebendo e a vida toda nesse passeio que não tem fim. Aí pronto. Não deu mais pra entender eles.

Mulher do pastor do Ajarani:

Uma vez aqui na estrada uma mulher deu muita roupa pra eles. Pois eles pegaram curuba, o senhor ~~manhaca~~ sabe o que é. Foi um trabalho danado pra sarar a curuba ^{da pele} deles. Teve índio que só faltou cair a orelha, de ~~manhaca~~ tanta cocceira horrível...

Mulher do pastor do Ajarani:

Como é mesmo o nome dessa doença transmitida pelo homem? Venérea, não é? Doença venérea. Ela sofreu muito, essa doente, ela apanhou num barracão da beira do rio em frente da Funai. Foi com um empreiteiro chamado Tiburcio. Ela deixava o marido e fugia pro acampamento. Ficava lá com os peões. Ela deu muito trabalho, custou muito a ficar boa.

O sarampo? Eles também pegaram. Muitas crianças vinham doente, aquele sapinho na boca. Traziam pra mim limpar, eu limpava, ficavam bons. Mas outras crianças às vezes adoeciam e eles levavam pra maloca, pra longe lá, quando eu sabia eles já tinham morrido.

Lino:

De repente receber uma camisa, receber uma calça, um fumo, a pessoa que está ~~fazendo~~ dando isso está pensando que está fazendo bem, isso que eu considero como uma agressão física, agressão moral. E que as pessoas que estão aceitando sem ter consciência do que está acontecendo com eles e de tudo que está vindo pela frente.

Lino:

A terra representa o que? A terra vira a própria vida, sua própria mãe, porque da terra vai tirar toda a alimentação para sua família, para sua subsistência.

Thiaps
ler

Lino:

7

Morreu aí de montão, na época da estrada, e tantos foram mortos como matam os insetos num casa dedetizada. Se eles tivessem consciência, eles tinham buscado, por exemplo, outra maneira, outra alternativa, uma negociação qualquer.

Alvaro:

calado

O índio que é ~~malhado~~, como o Yanomami é sempre, é considerado atrasado. Mas quando o Yanomami começa a sentir a ameaça, a gente pergunta: O que seria a civilização para o índio? A morte jamais deveria ser...

Alvaro:

O homem branco é muito perigoso diante do índio, principalmente como os Yanomami. Para explorar o índio, o homem branco tira proveito da inocência.